

IMIGRAÇÃO DE HAITIANOS PARA O BRASIL

Gildette Soares Fonseca¹
Duval Magalhães Fernandes²

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a imigração de haitianos em nações da América Latina, especialmente para o Brasil. Para compreendê-la faz-se necessário refletir sobre alguns aspectos históricos, a saber, o longo período de dominação dos colonizadores, a intervenção militar estadunidense, as ditaduras, eleições fraudulentas, distúrbios iniciados em 2004 e o terremoto de 2010, enfim, os fatores que impulsionaram (e ainda impulsionam) as emigrações. No Haiti a emigração é histórica, representa alternativa para melhorar as condições de vida, oportunidade de trabalho para sobreviver. Dentro da América latina o Brasil tem-se destacado como espaço de atração de haitianos, em 2011 o governo concedeu 720 vistos e em 2012 foram 4820, um aumento significativo. No entanto, a quantidade não é alta ao considerar outros fluxos de latinos americanos, é válido ressaltar que os dados não incluem os haitianos irregulares, mas colocam em foco desafios para os governantes e toda a sociedade. No Brasil, a maioria dos imigrantes haitianos é do sexo masculino em idade produtiva que busca trabalho, o intuito é garantir sua sobrevivência e de familiares que ficaram no Haiti.

Palavras Chave: Migrante. Haiti. Brasil. Trabalho. Precariedade.

1 Doutoranda em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (FAPEMIG). (gildettes@yahoo.com.br). Agradecimento à FAPEMIG-MG pelo apoio financeiro.

2 Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia Tratamento da Informação da PUC-MG (duvalfernandes@hotmail.com)

HAITIAN IMMIGRATION TO BRAZIL

Abstract: This article has the purpose to analyze the immigration of Haitians nations of Latin America, especially Brazil. To understand it is necessary to reflect some historical aspects, namely, the long period of domination of the colonizers, the US military intervention, dictatorships, rigged elections, disturbances started in 2004 and the earthquake of 2010, ultimately the factors that drove (and still drive) emigration. Haiti's historic emigration represents an alternative to improve the living conditions, job opportunity to survive. Within Latin America, Brazil has been highlighted as an area of attraction of Haitians, in 2011 the government granted 720 visas were 4820 in 2012, a significant increase. However, quantity is not high when considering other flows to Latin Americans, it is important emphasize that information do not include illegal Haitians, but pose challenges in focus for governments and society. In Brazil, the majority of Haitian immigrants are male working age seeking work, the aim is to ensure their survival and family members who were in Haiti.

Keywords: Migrante. Haiti. Brazil. Work. Precarity.

Introdução

Pesquisar a mobilidade populacional facilita entender a sociedade, origem, destino, as transformações nos aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos. Nas palavras de Lee (1980, p.99),

[...] para analisar as teorias de migração não devem aplicar limitações com respeito à distância do deslocamento, ou a natureza voluntária ou involuntária do ato, como também não se estabelece distinção entre a migração externa ou interna, o que importa é entender os aspectos que levam a saída do lugar de origem e os atrativos do espaço receptor.

Nos países da América da Latina as migrações se fazem presente desde o período colonial, portanto é de extrema importância estudá-las. Assim, independentemente das migrações internas e ou internacionais, as pesquisas não devem deixar de tratar a (des)organização econômica e política, ou seja, as implicações sociais no

(re)arranjo territorial. Nas palavras de Fonseca (2009, p.20):

As migrações resultam em transformações geográficas e culturais, ao migrar o sujeito pode melhorar ou não as relações na sociedade e para com a natureza; neste sentido, o ato de migrar pode ser concebido como ganho ou perda em todos os aspectos sociais, econômicos, políticos [...].

Neste contexto, este trabalho tem por objetivo analisar a imigração de haitianos para o Brasil, o caminho metodológico consistiu em levantamento bibliográfico e de pesquisas realizadas no âmbito do Grupo de Estudo Distribuição Espacial da População vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Tratamento da Informação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (GEDEP/PPGG/PUC-MG).

O Haiti é um dos países da América Latina com histórico de dominação e péssimos indicadores socioeconômicos, aspectos que contribuem para a emigração. Apesar de ter sido o segundo país a tornar-se independente no continente americano, a situação política nunca foi estável, os diversos conflitos e os problemas causados por catástrofes naturais fizeram parte da vida dos seus habitantes, agravada em 2010 por um terremoto de grande magnitude. Fernandes, Milesi e Farias (2006, p.79) comentam:

Em janeiro de 2010, um forte terremoto assolou o país, matando mais de 150.000 pessoas, criando um grande número de desabrigados e reduzindo a escombros parcela importante da infraestrutura habitacional e governamental, agravando profundamente a situação humanitária desta que é a mais pobre nação do continente americano.

Além das mortes, ocorreu aumento dos problemas socioeconômicos já existentes, assim, os haitianos visualizaram a migração como solução para a sobrevivência, buscam espaços onde possam sobreviver. Fernandes, Milesi e Farias (2006, p.79) afirmam:

A mais numerosa comunidade está nos Estados Unidos, seguida pela República Dominicana. Outros países da América e Caribe também recebem um grande contingente

de haitianos com destaque para o Canadá, Cuba e Venezuela. Na Europa, o país de maior afluência é a França.

Na América Latina, os espaços mais atrativos para os haitianos tem sido a República Dominicana, Venezuela, Chile, Equador, Guiana Francesa³ e o Brasil. “[...] mais de 6.000 haitianos ingressaram no Brasil desde o início de 2010” (FARIAS, 2012 p.88). O Brasil ocupa na América Latina uma posição econômica bem expressiva em relação aos demais países, a estabilidade econômica desde a década de 1990, a oferta de emprego e a repercussão internacional de economia emergente dá a impressão de espaço de oportunidade de sucesso.

Haiti um país marcado pela dominação

O continente americano, por critérios históricos e econômicos, é regionalizado em América Anglo Saxônica (compreende os territórios dos Estados Unidos e Canadá) e América Latina (que abrange os demais países). O território da América Latina após a 2ª guerra mundial se consolidou como o conjunto de países com menor desenvolvimento econômico do continente.

É válido considerar também a divisão geográfica da América, sendo: América do Norte (Estados Unidos, Canadá, México, Saint Pierre e Miquelon, Bermudas e a Groenlândia); a América Central que engloba o istmo e a porção insular, dentre as várias ilhas, tem-se o Haiti, e por fim, a América do Sul que abrange os demais territórios inclusive o Brasil.

O Haiti é banhado pelo Oceano Atlântico, limita a leste com a República Dominicana, é um país de pequena extensão territorial (27.750 km²), com população de apenas 10.255.644 habitantes (em 2012), sendo que mais de 40% é desnutrida. Apresenta baixo Índice de Desenvolvimento Humano (0,456), em 2011 possuía o Produto Interno Bruto (PIB) de 6.731 milhões de dólares (IBGE⁴ Países, 2013).

Para os colonizados espanhóis o Haiti e a República Dominicana foram denominados de Hispaniola, que tinha na produção de cana de açúcar a sua

3 Por medidas de segurança fechou as fronteiras e intensificou o monitoramento, uma vez que o objetivo dos haitianos é ir para o território da Guiana Francesa e posteriormente para a França.

4 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

maior riqueza econômica. Farias (2012, p.54) pontua:

Inicialmente, os espanhóis buscaram minerais preciosos na ilha, à custa da escravidão e do uso compulsório da mão de obra indígena. Em pouco tempo, este processo dizimou a população nativa. O insucesso da atividade mineradora deu lugar, já no século XVI, à produção de cana-de-açúcar. Com a escassez da mão de obra na ilha, o tráfico de escravos africanos para trabalhar nas lavouras foi impulsionado.

A exploração espanhola aconteceu de 1493 a 1697, pois em 1697 o Tratado de Ryswick⁵ oficializou a concessão do território à França. Como colônia francesa a produtividade de cana de açúcar elevou com o intenso uso da mão de obra escrava, a ilha passou a ser conhecida como a Pérola das Antilhas.

Na segunda metade do século, o melhor açúcar do mundo brotava do solo esponjoso das planuras da costa do Haiti, uma colônia francesa que nessa época se chamava Saint Domingue. Ao norte e a oeste, Haiti converteu-se em sorvedouro de escravos: o açúcar exigia cada vez mais braços. Em 1786, chegaram à colônia 27 mil escravos, e no ano seguinte 40 mil. (GALEANDO, 1994 p. 47).

Todavia, a riqueza produzida era apenas da elite e da metrópole, pois, para a maioria da população, escrava, a situação era degradante, assim, aconteceu o inevitável, rebeliões da população escrava e dos brancos pobres que reivindicavam dignidade. Neste contexto, acontecia na França a Revolução Francesa (1789) que determinava o fim da escravidão nas colônias. Entretanto, a demora na circulação das informações e a efetivação nas determinações da metrópole, além da resistência dos ricos em acabar com a escravidão, favoreceram a Rebelião dos Escravos em 1791 liderada por Toussaint L'Ouverture, no Haiti. Nas palavras de Galeano (1994, p.57):

No outono de 1791, explodiu a revolução. Num só mês, setembro, duzentas plantações de cana foram tomadas pelas chamas; os incêndios e os combates sucederam-se sem trégua à medida que os escravos insurretos iam empurrando os exércitos franceses até o oceano. Os barcos

⁵ Acordo de paz celebrado entre os países europeus após a Guerra da Liga de Augsburgo (1688-1697).

zarparam carregando cada vez mais franceses, e cada vez menos açúcar. A guerra derramou rios de sangue e devastou as plantações. Foi longa. O país, em cinza, ficou paralisado; em fins do século a produção caiu verticalmente.

Foram doze anos de luta, em 1801 Toussaint L'Ouverture se tornou governador geral, contudo, foi deposto e morto pelos franceses. Em 1804 foi proclamada a independência política, mas somente “[...] em 1825, a França reconheceu a independência de sua antiga colônia, mas em troca de uma gigantesca indenização em dinheiro” (GALEANO, 1994, p.57). Assim, a França mais uma vez saqueou a população empobrecida do Haiti.

Em função da luta dos escravos, o Haiti foi o segundo país da América a se tornar independente (depois dos Estados Unidos), o que não significou grande avanço, uma vez que a maioria da população vive na pobreza. Matijascic (2010, p. 05) aponta:

Proprietários das terras e líderes da revolta que levaram à independência do país, os mulatos foram os que assumiram o poder no Haiti. Todavia, não mudaram a estrutura social do país: constituíram-se como elite e mantiveram os negros (ex-escravos) no trabalho das lavouras de produtos primários. Isso frustrou muito os ex-escravos que lutaram pela emancipação do país e acreditaram que este seria o primeiro passo para libertarem-se da condição na qual se encontravam durante o período colonial. A ausência de convergência dos interesses desses segmentos sociais resultou em disputas internas pelo poder do país.

Além das disputas internas, o bloqueio comercial dos Estados Unidos instaurado em 1806 e a proclamação da independência da República Dominicana (1844), enfraqueceu mais a economia e empobreceu a população. A vida da população da ilha tornou-se mais difícil com as retaliações comerciais e as disputas internas, assim, governantes foram depostos ou assinados.

No período de 1915 a 1934 o Haiti foi ocupado por forças militares dos Estados Unidos, a intervenção promoveu algumas melhorias, a saber, construção de estradas, hospitais, escolas, pequena rede de saneamento básico, contudo as medidas não solucionaram a segregação e a instabilidade política

e socioeconômica, aspectos que impulsionavam a emigração dos haitianos. Farias (2012, p. 57) enfatiza,

[...] entre 1913 e 1931, emigraram para a província Leste de Cuba entre 30.000 e 40.000 trabalhadores haitianos. A República Dominicana, cuja produção açucareira era menor do que de Cuba, também recebeu um número representativo de haitianos, até que em 1919, o governo militar americano introduziu o sistema de contratos, regulamentados para a importação de trabalhadores. Embora não exista um número exato de trabalhadores empregados, estima-se que nas duas décadas, após 1919, tenham sido contratados 5.000 haitianos por ano.

Grande parte da população do Haiti diante da dominação e miséria considerava a emigração a alternativa de sobrevivência, a escolha inicial era migrar para território próximo, uma vez que os recursos financeiros eram escassos para deslocamento de longa distância. Pizarro e Villa (2006, p.119) abordam a migração do Haiti para a República Dominicana.

A migração de haitianos para a República Dominicana é uma das correntes intra-regionais de maior destaque no Caribe e na América Latina. Até meados do século XX, foram registrados importantes fluxos populacionais que se dirigiam principalmente do noroeste do Haiti, densamente povoado e com uma base de recursos a zonas situadas além do limite internacional, cujo maior potencial produtivo deixava para trás a imagem de uma fronteira agrícola.

Em geral as causas das migrações estão ligadas aos aspectos econômicos. “[...] à busca por trabalhos mais remunerados e atraentes do que os disponíveis nos locais de nascimento” (RAVENSTEIN 1980, p. 126). Ao longo dos séculos a mobilidade humana moldurou a configuração de muitas nações em todos os continentes e sem dúvida a procura por melhores condições de vida tem sido a mola propulsora. No entender de Patarra, (2012, p.86):

As migrações internacionais representam a contradição entre os interesses de grupos dominantes na globalização e os Estados nacionais, com a tradicional ótica de sua

soberania; há que se levar em conta as tensões entre os níveis de ação internacional, nacional e local.

No caso da população do Haiti, apenas uma minoria tem acesso a uma vida digna, a violação dos direitos dos haitianos é recorrente, portanto, existe uma pressão histórica em buscar outros locais para viver, uma vez que a intervenção externa também não soluciona os problemas. Farias (2012, p.58) afirma:

O período de 1934-1956 foi marcado pela instabilidade política. Stenio Vincent, último presidente do período da ocupação norte americana, implantou medidas autoritárias, centralizou o poder e estendeu seu governo até 1941. Não bastasse a desordem interna, em 1937, o ditador chefe da República Dominicana, Rafael Trujillo (1930-1961) mandou matar todos os estrangeiros, isto é haitianos, que não pudessem comprovar o status de dominicanos nas províncias fronteiriças. Estima-se que o exército tenha matado de 20.000 a 35.000 haitianos ao longo de seis dias, a partir da noite de 02 até 08 de outubro. Com o intuito de disfarçar o envolvimento do exército, os militares usaram facões, ao invés de armas de fogo. O massacre, conhecido como El Corte, injustificado e sem precedentes mostrou-se claramente racista e anti-haitiano.

A ação do ditador da República Dominicana mencionada por Faria (2012) é apenas mais um exemplo das atrocidades vividas pela população do Haiti no país vizinho. No auge da Guerra Fria foi instaurada a ditadura no Haiti, financiada pelos Estados Unidos. Em 1957, com apoio da Igreja Católica e dos militares, foi eleito François Duvalier (1957-1971), mais um tirano centralizador. Mesmo com sua morte em 1971, a população não teve paz, pois seu filho, Jean-Claude Duvalier, outro ditador, assumiu o poder.

Em 1962, François Duvalier instalou um regime autoritário de governo no Haiti: eliminou a oposição política, criou uma força sob seu comando, os Voluntários da Segurança Nacional, e assegurou que o poder fosse transferido a seu filho, Jean-Claude Duvalier, em 1971. O desgaste político causado por tantas medidas centralizadoras e a falta de habilidade política de Jean-Claude Duvalier resultaram no fim do regime duvalierista em 1986 (MATIJASCIC, 2010 p.03).

No governo dos Duvalier (1957 a 1986), muitos haitianos emigraram, outros não tiveram a oportunidade foram massacrados ou queimados vivos. Farias (2012, p. 59) ressalta: “Os quase trinta anos da ditadura dos Duvalier foi provavelmente o período mais doloroso e sangrento da história do Haiti”. O país perdeu parte da População Economicamente Ativa (PEA), especialmente aqueles de maior escolaridade, o que restou foi muita dor, desolação e pobreza.

As bases desse regime foram impostas por François Duvalier com adesão dos setores conservadores da sociedade haitiana: militares, Igreja Católica e elite mulata. O regime duvalierista também amparava os interesses dos Estados Unidos no contexto bipolar, pois afastava a possibilidade de acontecer revoltas populares e a expansão da ameaça comunista no Haiti. (MATIJASCIC, 2010 p.12)

A história dos povos da América Latina, (e o Haiti estava inserido neste contexto) foi marcada pela omissão da Igreja Católica, injustiça de reis, autoritarismo de militares e a intervenção externa, assim os interesses do povo ficaram sempre em último plano. No ano de 1990, com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU) foram realizadas eleições, no Haiti, o ex- padre Jean-Bertrand Aristide foi eleito, mas em 1991 foi deposto por um golpe do general Raoul Cedras. Novamente as disputas internas intensificam, assim como as sanções internacionais, e em 1994 Jean-Bertrand Aristide voltou ao poder com o apoio de 20 mil militares de várias nacionalidades.

Eleito democraticamente, René Préval governou o Haiti de fevereiro de 1996 a fevereiro de 2001, tentou estabelecer reformas políticas, combater a corrupção, a violência e miséria, porém não obteve sucesso diante do caos. Em 2001, novamente Jean-Bertrand Aristide voltou ao poder através de eleição fraudulenta, a população se revoltou, muitos conflitos ocorrem no país, aspectos que contribuíram para a diáspora haitiana, em 2004. No mesmo ano a ONU, através da Resolução 1542 criou a Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH). Farias (2012, p.62) afirma que:

Diferentemente das outras operações, esta força passou a ter o comando de países em desenvolvimento, tais como Brasil e Chile, respectivamente com os comandos militar e civil. A intervenção contou ainda com o apoio de tropas

provenientes da Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Croácia, Equador, Estados Unidos, França, Filipinas, Guatemala, Jordânia, Nepal, Paraguai, Peru, Sri Lanka, e Uruguai.

No entanto, a atuação da MINUSTAH foi tão violenta como outras operações militares de intervenção internacional, a força de paz não garantiu por completo os direitos humanos, uma vez que os conflitos são históricos e a solução requer ação conjunto do governo e da sociedade.

Estabelecer a ordem e a paz no Haiti tem sido um desafio constante, principalmente depois do terremoto⁶ de magnitude 7.0 (escala Richter) de janeiro de 2010. A tragédia haitiana repercutiu no mundo todo, a comoção foi internacional. Para Saraiva (2010, p.21) foi mais uma oportunidade de nações demonstrarem liderança:

Politiza-se a ajuda internacional, como no caso do clima, dos direitos humanos, e outros temas da agenda renovada das relações internacionais, quando o que importa é o esforço de salvar vidas. Os chineses foram os primeiros a chegar à ilha caribenha. Inflacionaram o aeroporto combalido da capital do país e deixaram apenas espaço modesto para aeronaves dos Estados Unidos, da Europa, do Canadá e do Brasil. Os Estados Unidos correram atrás dos chineses uma vez que o Caribe é área natural de hegemonia natural e concêntrica dos ianques. Apresentaram-se como os únicos capazes de salvar os flagelados.

Depois do terremoto o sofrimento dos haitianos passou a ser noticiado internacionalmente, mas mesmo antes desta catástrofe existiam pessoas sendo exploradas, torturadas, assassinadas por ditadores, sob o julgo dos interesses do capital e da intervenção internacional. Somente depois do terremoto o mundo passou a conhecer o Haiti, a difundir a ideia que é preciso combater a violência, a fome, melhorar os indicadores sociais, mudar o quadro caótico no qual o país estava, marcado índices de pobreza similares à maioria dos países da África.

A coordenação dos esforços de construção do Haiti deve
⁶ O epicentro foi próximo da capital Porto Príncipe que foi devastada pela força da natureza.

ser multinacional, a recordar que o esforço humanitário é apenas uma etapa para o longo prazo, de fortalecimento das instituições e da cidadania, ao lado da reconstrução social e econômica do país. Passada a comoção do momento, valerá acompanhar o dia seguinte. O esquecimento é em geral o que se espera. Pois que se tome uma lição do Haiti para a política internacional: o pêndulo está excessivamente angulado no realismo global e nos egoísmos nacionais. Era hora de movê-lo para a dimensão humana das relações internacionais, que prescinde do humanitarismo, para ser apenas humana a face desejável dos sonhos de um mundo melhor. (SARAIVA, 2010, p.22).

No final de 2010, outro fato marcou a população, um surto de cólera, de acordo com dados da ONU em junho de 2010 mais de 65 mil pessoas vivia em acampamentos precários, no final do mesmo ano mais de 7.000 haitianos morreram de cólera, em 2012 mais de 400 mil vivia nos acampamentos de forma inadequada. (HUMAN RIGHTS WATCH, 2013).

Historicamente o Haiti dependente economicamente de ajuda de outros países, assim como outros países da América, África e Ásia, necessita de ação humanitária, mas requer também políticas de desenvolvimento social que possibilite oferta de trabalho, moradia, saneamento, enfim, dignidade humana. A economia estagnada, a falta de infraestrutura básica, a ineficácia dos governantes, as catástrofes naturais, fazem do Haiti um espaço que “expulsa” a população.

Imigrações de haitianos na economia globalizada

Para entender a mobilidade populacional e as transformações ocorridas (independente da escala e do tempo), seja de ordem política, econômica, socioambiental, é necessário conhecer as relações estabelecidas pelas sociedades e as implicações em suas territorialidades; o jogo político, o cenário comercial entre as nações centrais, emergentes e periféricas.

No caso dos haitianos é notório que desde o século XVIII, com a chegada de

européus, os fatores econômicos, sociais e políticos favoreceram a migração internacional, pois como o território é pequeno e condições de vida são ruins em todo o país, a emigração é expectativa de melhorar de vida.

Independente das causas e das consequências em qualquer tipo de migração, Silva (1999) salienta que não deve apenas associar a migração aos fatores meramente econômicos, uma vez que existe um conjunto de relações sociais e culturais que envolvem cada mobilidade. A busca humana em obter novas terras, riquezas, fugir de conflitos, ter acesso a uma vida com mais recursos financeiros, sempre impulsionou e impulsiona a mobilidade, como expõe Santos (1997, p. 39):

A evolução global da população mundial só pode ser completamente entendida se considerarmos ao menos três dados essenciais: primeiro, a distribuição da população entre as diversas áreas do Globo e dentro de cada país evolui de maneira desigual. Depois, como isso não é apenas o resultado do excesso de nascimentos sobre o de mortes, temos de levar em conta as migrações internas e internacionais, cada vez mais frequentes [...].

De forma sucinta, Santos (1997) analisa o significado das migrações na expansão mundial e a heterogeneidade na espacialidade geográfica. Com a internacionalização do capital surgem novas leituras das migrações, principalmente pelo acentuado crescimento da exclusão social, como é o caso dos haitianos. Assim, cabe aos estudiosos pesquisar a migração na sua essência. Oliveira (2011, p.13-14) pontua:

[...] algumas contribuições tem surgido, no sentido de permitir uma reflexão sobre qual a melhor perspectiva, para apreender a manifestação do fenômeno migratório. [...] É importante o ponto de vista que busca compreender o fenômeno migratório mais além da mera descrição ou como algo capaz de receber modelagens matemáticas. Como também é salutar observá-lo como processo, porém não apenas àqueles restritos ao indivíduo, mas também aqueles que envolvam os indivíduos de um modo geral a sociedade onde ele vive e se reproduz.

As pesquisas sobre migrações tende a apresentar cada vez mais uma radiografia da realidade produzida pelo homem em sociedade e a construção das redes que se estabelecem no fenômeno migratório. Para Campos (2011, p. 77): “A presença de imigrantes internacionais e de retornados no domicílio que “forneceu” emigrante internacional pode ser um indicativo da operação de uma rede social de migração”. Não se trata apenas das redes sociais que se formam pelo avanço da tecnologia, mais a rede de amigos, solidariedade, resistência, de fluxo, dentre outros.

No entender de Fonseca (2009, p.12): “É válido mencionar que não se deve pensar a organização das redes apenas pela falta de dinheiro, da vulnerabilidade e exclusões que normalmente perpetuam por gerações, mas como articulação que estimula a cidadania e fortalece as relações entre os envolvidos”. Deve-se ficar atento ao desempenho das redes na vida dos migrantes e as mudanças em cada territorialidade.

No caso dos haitianos há redes que favorecem a migração para outros países da América Latina e posteriormente para os Estados Unidos, Europa, especialmente para a França. Migrar para França tem a vantagem do domínio da língua, uma vez que no Haiti o idioma oficial é o francês, além do crioulo haitiano. No processo de migração internacional ter conhecimento do idioma do país de destino pode ser bastante favorável no processo de inserção no mercado de trabalho. Para os haitianos que vivem em péssimas condições socioeconômicas no seu país, emigrar e trabalhar significa possibilidade de mudança para o migrante e seus familiares, pois parte da população do Haiti vive das remessas de recursos enviadas pelos migrantes.

Todos los años, millones de hombres y de mujeres abandonan sus hogares y cruzan las fronteras nacionales en busca de una mayor seguridad humana para ellos mismos y para sus familiares. A la mayoría le mueve el deseo de conseguir salarios más altos y mejores oportunidades, pero otros se ven obligados a abandonar sus hogares debido al hambre y la pobreza, calamidades naturales y el deterioro

del medio ambiente, conflictos violentos o persecución. La mayor parte de las migraciones tiene lugar entre países vecinos pero, gracias a un acceso más fácil a la información a escala mundial y a los precios más bajos de los medios de transporte, las coordenadas geográficas suponen ahora menos dificultades para los desplazamientos. La migración afecta hoy a un número creciente de países, ya sean países de emigración, de inmigración o de tránsito, o todo ello a la vez. (OIT, 2004 p. 03)

Na economia globalizada a emigração laboral é cada vez mais crescente, especialmente em locais de instabilidade socioeconômica, como é o caso do Haiti. No entanto, alguns países não aceitam como comenta Tomaz (2013, p.132),

[...] apesar dos discursos públicos e das ações que buscavam aliviar o sofrimento da população haitiana e contribuir para a reconstrução do país devastado, uma postura menos generosa foi geralmente adotada para com os haitianos que atravessaram fronteiras internacionais em busca de segurança e sobrevivência. Dois exemplos que se destacam, nesse sentido, correspondem às atitudes assumidas pelos Estados Unidos e pela França. No caso do primeiro, apesar de se constituir no principal provedor de ajuda ao Haiti após o terremoto, ele não aceitou os migrantes forçados que se seguiram ao desastre em seu território com base no argumento de que eles não correspondiam à definição de refugiado presente na lei estado-unidense. No caso do segundo, também um doador de destaque, a postura foi bastante próxima, chegando a providenciar o fechamento das fronteiras da Guiana Francesa – um de seus departamentos ultramarinos na América Latina – de modo a inibir o que é considerada uma rota ilegal em direção a suas fronteiras europeias. (grifo nosso)

A postura da França e dos Estados Unidos é cada vez mais comum no mundo globalizado, oferecem ajuda financeira, mas condenam a migração de haitianos para seus países. A população do Haiti é muito vulnerável, são muitas mulheres e crianças que sofrem estupros, há, inclusive, denúncias de que alguns membros de força da paz são responsáveis por tal barbárie; o

número de gravidez na adolescência é elevado; a contaminação com doenças sexualmente transmissíveis também é grande, enfim, o que existe é uma sociedade marcada pela dor e que encontra na migração uma alternativa de mudança (HUMAN RIGHTS WATCH, 2013).

Na América do Sul três países não exigem visto de entrada para os haitianos quando em viagem de turismo, são eles o Chile, o Equador e a Argentina. Em 2009 ingressaram no Chile 477 haitianos, em 2010 foram 820 e 1369 no ano de 2011, o município de Quilicura, localizado a leste da Grande Santiago, tem sido o principal destino. Os haitianos desconhecem as características do lugar, mas encontram outros compatriotas que já estão há mais tempo e tentam ajudar uns aos outros, porém, quando a promessa de prosperidade não se concretizada, alguns migram novamente para outros países. Um movimento recorrente é de haitianos que saem do Chile para o Equador. Mesmo sendo o primeiro país mais desenvolvido social e economicamente que o segundo, quando as expectativas da migração não são atendidas no Chile, o Equador serve de válvula de escape principalmente porque sua Constituição reconhece o direito à migração.

Em 2009 chegaram oficialmente no Equador 1258 migrantes e 1687 em 2010, valores maiores que o do Chile. Outro fato que contribui para a migração em direção a este país, são as redes de coiotes, já estabelecidas, que usam o Equador como porta de entrada para o Brasil.

A população migra, deixa seu lugar de origem, a família, pois acredita no sonho de uma vida melhor, porém sabe-se que há muitos obstáculos, a saber, o custo do deslocamento, a concessão do visto, adaptação aos costumes, valores, idioma, entre outros.

Haitianos no Brasil

Como já mencionado não faltam razões para a emigração dos haitianos, mas depois de 2010 o fluxo intensificou. “Em 2010, o relatório global (Global Trends) do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (ACNUR) contabilizou um total de 25.892 refugiados haitianos, 312 contando com a assistência da agência e 7.202 solicitantes de asilo com casos pendentes”. (TOMAZ, 2013 p. 133). É evidente que a economia globalizada facilita a circulação de infor-

mação, capital e pessoas, oportuniza aos indivíduos fazerem novas escolhas, romperem com situações lastimáveis de miséria, tentarem construir uma vida com melhor padrão socioeconômico.

O Brasil se insere como espaço de atração populacional, pois, “[...] as medidas tomadas pelo governo brasileiro para combater a crise, que tinham como prioridade a manutenção da capacidade produtiva e do emprego no País, funcionavam como fator de atração para aqueles que viviam em dificuldades no exterior (FERNANDES, MILESI E FARIAS 2006, p.75).

A implantação do Plano Real (1994) foi o início de uma nova história para a economia brasileira, pois a redução dos déficits orçamentários, o controle da inflação, privatizações de serviços, melhorias sociais, ampliação das relações comerciais (...), propiciaram a integração na economia globalizada.

É fato que a sociedade convive ainda com desigualdades sociais, onde a minoria da população concentra a riqueza, além dos elevados indicadores de violência, carga tributária e corrupção política, entretanto, o Brasil é considerado uma próspera economia emergente. Para Hurrell (2009, p.10) os países emergentes apresentam a “[...] capacidade de contribuir para a gestão da ordem internacional em termos regionais ou globais, além de algum grau de coesão interna e capacidade de ação estatal efetiva”.

O Brasil apresenta aspectos que o tem colocado em destaque no cenário internacional, como grande extensão territorial, riquezas minerais, reserva de combustíveis fósseis, mercado consumidor e mão de obra relativamente barata em comparação com os países centrais, fatores estes que propiciam investimentos e a chegada de imigrantes internacionais.

Em função da extensão territorial do país, do tamanho e composição de sua população, da atual etapa de seu crescimento econômico, entre outras especificidades, pode-se afirmar que os relativamente recentes movimentos de brasileiros ao exterior, bem como a entrada de novos imigrantes, principalmente sul-americanos e africanos, não causam um impacto significativo no desenvolvimento nacional. De modo geral, nem a saída de brasileiros nem a entrada de estrangeiros no Brasil atual assumem uma dimensão assustadora ou podem colocar em xeque os esforços de desenvolvimento do país. (PATARRA, 2012, p. 88).

Obviamente deve-se considerar que também existem inúmeras características distintas entre as nações emergentes, assim não são todas locais de grande atração populacional. Hurrell (2009, p.15) pontua: “Existem, claramente, diferenças substanciais entre esses países – em termos de poder e importância geopolítica; peso econômico e grau de integração à economia global; trajetórias culturais e históricas distintivas; e sistemas políticos domésticos”.

O desenvolvimento econômico do Brasil pode ser considerado recente, assim, o país ainda não tem políticas consolidadas no tocante às imigrações internacionais, acredita-se que tal fato se deve pelo longo período em que se configurou como espaço de emigração. No que se refere aos haitianos no Brasil Fernandes, Milesi e Farias (2006, p.80) enfatizam:

Apesar de não ser um dos destinos de maior afluência, na verdade é um dos menores, a presença de migrantes haitianos no Brasil vem se ampliando rapidamente. Mesmo não sendo estes números representativos frente ao volume da diáspora daquele país, o fato deste novo destino estar sendo incluído na rota do fluxo migratório e, sobretudo, a forma que tomam estes deslocamentos vem chamando a atenção da mídia e das autoridades.

Conforme o Conselho Nacional de Imigração⁷(CNIg) vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) no ano de 2009, foram concedidas somente seis autorizações para os haitianos, em 2010 o número também não foi elevado apenas quatro, mas a partir de 2011 a quantidade aumentou consideravelmente foram 709, e em 2012 chegou a 4.865 e em 2013 foram 2.072. Moraes et al. (2013, p. 100) pontuam:

[...] estimativa Ministério das Relações Exteriores – MRE o montante de haitianos em território brasileiro já supera a marca de 10.000, sendo que, até 30 de junho de 2013, 6.052 estavam com seus vistos permanentes regularizados, segundo o Memorando nº 907/2013 da Secretaria Nacional da Justiça do MJ.

⁷ Criado em 1980 com organização e funcionamento regulamentado pelos Decretos nº 840, de 22 de junho de 1993, e nº 3.574, de 23 de agosto de 2000.

A Resolução 97 do CNIg, publicada pelo Diário Oficial da União em 13 de janeiro de 2012, estabeleceu medidas de concessão de vistos humanitário para haitianos, válida até janeiro de 2014, porém a mesma foi ampliada para janeiro de 2015, o que aumentará o número de imigrantes. Além da possibilidade de regularizar a situação migratória dos solicitantes de refúgio, a medida permitiu a concessão de vistos pelas representações consulares brasileiras. Em um primeiro momento foi fixado o montante de 1200 ao ano, excluído os vistos para reunião familiar, mas em 2013 este limite foi revogado (RNnº 102).

Sobre a rota de entrada dos haitianos no Brasil, Farias (2012, 86-87) esclarece que a trajetória é,

[...] por via aérea, partem de Porto Príncipe e fazem escalas nas cidades de São Domingo (República Dominicana) e Cidade do Panamá (Panamá). Da Cidade do Panamá, alguns partem para Quito (Equador) e outros partem diretamente para Lima (Peru). Como estes países não exigem vistos para haitianos, estes não encontram dificuldades na entrada.⁸ De Quito ou Lima, por trajeto terrestre ou fluvial, chegam à fronteira do Brasil em diferentes pontos. Tabatinga (AM), Assis Brasil (AC) e Brasília (AC) são os mais freqüentes [...]. Em alguns casos, a chegada ao território brasileiro se dá através da fronteira com a Bolívia. A entrada, neste ínterim, ocorre principalmente pelos municípios de Epitaciolândia (AC) e Corumbá (MS). Acredita-se que a maioria dos haitianos que percorre esta rota provém do Chile.

No Brasil, as fronteiras territoriais são extremamente vulneráveis, uma ameaça a segurança nacional.

O debate e as propostas de políticas de imigração, o tratamento específico de áreas de fronteiras transnacionais, bem como a necessidade de se estabelecer juridicamente o acesso dos migrantes e de suas famílias, documentados ou não, aos serviços públicos, principalmente na área de saúde e de educação, são temas hoje recorrentes e de intensa discussão e ação no contexto regional. (PATARRA 2012, p.85).

⁸ Peru e Brasil passaram a exigir o visto dos haitianos somente em janeiro de 2012. (nota da autora)

Assim, a falta de controle nas fronteiras contribuir para a precariedade nas condições de vidas de muitos migrantes. Neste contexto, é urgente e necessário que as autoridades competentes do Brasil, Peru, Equador e da Bolívia adotem medidas para coibir o tráfico de imigrantes.

Deve-se ter sempre em mente que outras rotas surgem a partir do momento que intensifica a fiscalização, pois a atuação dos aliciadores (coiotes) é extremamente dinâmica.

[...] tem relatos de dois novos trajetos para adentrar o território brasileiro. Em uma, por via aérea, os haitianos vão até a República Dominicana e deste para Bolívia, no município de Ibéria. De Ibéria caminham por aproximadamente oito quilômetros na Floresta Amazônica até chegarem ao município de Cobija, e deste fronteiro município boliviano, cruzam uma das duas pontes sobre o Rio Acre, chegando a Brasiléia. Na outra rota, faz-se um deslocamento aéreo até São Domingo e daí para Quito. De Quito, através de ônibus, dirigem-se a Letícia, na Colômbia, e deste município para Tabatinga (AM). (FARIAS, 2012 p.89).

O custo do deslocamento não é barato, porém não se pode precisar o valor exato, uma vez que nem todos saem do Haiti para o Brasil de forma regular. Tal situação compromete mais ainda a vida dos haitianos que se endividam com os coiotes.

Em relação ao sexo dos haitianos que chegaram ao Brasil no período de 2011 a 2012, pode-se pontuar que a maioria (4614) é do sexo masculino; quanto ao nível de instrução 48 são analfabetos; 1272 apresentam o ensino fundamental incompleto; cursaram o ensino fundamental completo (245); em relação ao ensino médio incompleto são 1604; com o ensino médio completo são 495 migrantes; com ensino superior completo tem-se apenas 104 haitianos e 262 com ensino superior incompleto (MTE/CNIg, 2013). Os dados deixam claro que não se trata de mão de obra altamente qualificada, mas também não são indivíduos iletrados.

Em relação a faixa etária estão dentro do grupo de População Economicamente Ativa, sendo que a mão de obra dos haitianos é absorvida no setor

terciário, alimentação (lanchonetes, supermercados); hotelaria, comércio e principalmente na construção civil. Para Moraes et al. (2013 p.106):

Muitos deles possuem curso técnico, curso superior e falam até três idiomas, entre eles o espanhol e o francês. O mercado de trabalho brasileiro, entretanto, os exploram, principalmente aqueles que aqui estão em condição ilegal, como mão de obra barata e, não raramente, com poucos direitos trabalhistas empregados.

Apesar de existirem pesquisas significativas sobre as migrações internacionais no Brasil, há um problema a ser considerado, a dificuldade de mensurar a quantidade de emigrantes e de imigrantes. Campos (2011, p.72) comenta: “Os registros administrativos não dão conta desses números [...]”. No censo de 2010 o panorama das estimativas das migrações internacionais foi mais preciso, pois o IBGE introduziu no questionário questões relacionadas à temática, como descrito no modelo aplicado.

O objetivo desse bloco de questões é obter o perfil, por sexo e idade, dos brasileiros que se mudaram para o exterior, bem como captar os fluxos migratórios internacionais. Além disso, a partir dessas informações, será possível conhecer o perfil familiar e socioeconômico desses emigrantes (IBGE, 2011, p. 8-9) (grifo nosso).

Os fluxos migratórios internacionais devem ser acompanhados pelo governo, principalmente pela necessidade de avaliar os impactos positivos e negativos para a territorialidade. Nas palavras de Sprandel (2012, p. 100),

A Política Nacional de Imigração e Proteção ao(a) Trabalhador(a) Migrante tem por finalidade estabelecer princípios, diretrizes, estratégias e ações em relação aos fluxos migratórios internacionais, com vistas a orientar as entidades e órgãos brasileiros na atuação vinculada ao fenômeno migratório, contribuir para a promoção e proteção dos direitos humanos dos migrantes e incrementar os vínculos das migrações com o desenvolvimento.

Os haitianos encontram dificuldades para chegar ao Brasil, alguns são roubados, tem problemas com documentação, passam fome, além dos atritos com os coiotes. Para Silva (2013, p.6):

The routes used by Haitians to reach Brazil have changed over time, perhaps due to the costs of the trip or the role played by the coyotes. The Haitians in Brasília have denounced the greed and violence of some Peruvian police officers, who, in addition to money, usually seize personal belongings, like clothes and sneakers, and threaten them with imprisonment.

Mesmo diante de tantas dificuldades, a esperança de encontrar trabalho, estudo e melhores condições de vida no Brasil favorecem a imigração, pois no imaginário dos migrantes do Haiti, assim como de outros migrantes, o local de destino apresentará oportunidades não usufruídas nos países de origem. Entretanto, no Brasil e em outros territórios, os migrantes enfrentam dificuldades: no atendimento médico-hospitalar; no acesso a moradia; na formação educacional; na assistência social; na regularização migratória; em adaptar ao idioma. É válido ressaltar que muitas situações de vulnerabilidade são minimizadas pelas igrejas, Organizações Não Governamentais (ONGs) e rede de amigos do país de origem.

Caberia ao governo ter maior controle da situação, contudo, de acordo com Fernandes, Milesi e Farias (2006, p.80):

[...] no plano internacional, o Brasil toma medidas para a implantação de acordos bilaterais de livre trânsito entre os países do Mercosul e, em 2009 entra em vigor o acordo multilateral de livre trânsito de nacionais entre os países do membros e associados deste bloco regional, acordo este ampliado em 2011 com a adesão do Equador e Peru. Também em 2009, o governo brasileiro concede uma anistia aos estrangeiros em situação irregular no país, o que permite a regularização de 45.008 imigrantes.

As ações governamentais só aumentam a pressão por vistos, a entrada irregular de migrantes, torna o país; espaço de atração populacional, inclusive

de retornados brasileiros. Acredita-se que migração de haitianos, bem como de outros povos para o Brasil, deve ser avaliada com cautela, uma vez que a estabilidade da economia não significa grande expansão da oferta de trabalho.

Cabe aos líderes governamentais atentar para as questões recorrentes às migrações internacionais, pois é fundamental o crescimento econômico associado ao social, respeitando os direitos de todos, brasileiros e imigrantes.

As políticas para as migrações internacionais estão pautadas no processo de assimilação dos imigrantes na sociedade receptora, no controle dessa população. Esse contingente somente passará a ter direitos à medida que se “integrar”, se “assimilar” à sociedade de destino. Tais políticas seguem estatutos de legalização e proteção jurídica a estrangeiros, concedendo, quando assim o fazem, direitos restritos. (BAENINGER, 2012 p.93)

As migrações internacionais podem promover cidadania ou aglomerados de exclusão, pois a mobilidade financeira e da força de trabalho propiciam choques de interesses, daí a importância do Brasil rever suas políticas de migrações, caso contrário reproduzirá a discriminação de indivíduos que buscam apenas a sobrevivência, ou ainda a promoção de mais exclusão de brasileiros.

A população do Brasil já enfrenta disparidade social, violência, precariedade nas relações trabalhistas, entre outros problemas, por isto, caso o governo federal não reveja as políticas de migrações, inúmeros outros desafios nos próximos anos, seja em escala local ou nacional.

Considerações Finais

O Haiti é um país historicamente dependente nos aspectos econômicos e políticos, fatores estes que o torna no cenário internacional, “expulsor” da população, que migra especialmente para outras nações da América Latina. Os haitianos abandonam seu país em busca de trabalho, segurança, dignidade, mas nem sempre seus sonhos são concretizados, pois boa parte da população que migra não possui o Ensino Médio concluído, portanto inserir-se

no mercado de trabalho da economia globalizada, altamente competitivo, e ter uma remuneração justa, não é fácil.

O Brasil tem ocupado lugar de destaque como país emergente, receptor de haitianos, porém muita coisa ainda precisa ser feita para atender esta população de imigrantes, cabe ao governo federal, juntamente com os órgãos competentes, adotarem políticas de proteção e melhoria das condições de vida. Para que a migração não promova mais exclusão social da população, acredita-se que os governantes devem aumentar os investimentos na educação, eliminar a corrupção, reduzir as redes ilícitas e a violência, enfim, adotar medidas que reduzam a vulnerabilidade social.

Referências

BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais e cidadania. In: TURRA, Cássio Maldonado. CUNHA, José Marcos Pinto da (Orgs.). População e desenvolvimento em debate: contribuições da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: ABEP, 2012. p. 93-95.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. Finalidade do Conselho Nacional de Imigração. Disponível em <<http://portal.mte.gov.br/portal-mte/>>. Acessado em 20 de dezembro de 2013.

_____. Ministério do Trabalho. Conselho Nacional de Imigração. Brasília: Base Estatística. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/geral/estatisticas.htm>>. Acesso em: 10 janeiro de 2014.

_____. Ministério do Trabalho. Conselho Nacional de Imigração. Brasília: Resolução Normativa nº97. Brasília: Diário Oficial da União. 10 de janeiro 2014, p.59, 2012

_____. Ministério do Trabalho. Conselho Nacional de Imigração. Brasília: Resolução Normativa nº102. Brasília: Diário Oficial da União. 13 de janeiro, p.96, 2013

CAMPOS, Marden Barbosa de. Estimativas de migração internacional no Brasil: os velhos e os novos desafios. In. OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto. OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro (Org). Reflexões sobre os deslocamentos

populacionais no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

FARIAS, Andressa Virgínia. A diáspora haitiana para o Brasil: o novo fluxo migratório (2010-2012). 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC-MG. Belo Horizonte, 2012.

FERNANDES, Duval. MILESI, Rosita. FARIAS, Andressa. Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório. In. Cadernos de Debates Nº 6. Brasília (DF): Instituto Migrações e Direitos Humanos ACNUR, 2011. p. 73 -97.

FONSECA, Gildette Soares. Espacialidade das migrações temporárias de mirabelenses – implicações na territorialidade local. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo-SP, 2009.

GALEANO, Eduardo. As Veias Abertas da América Latina. Tradução de Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

HUMAN RIGHTS WATCH. Haiti. Disponível em:

<<http://www.hrw.org/es/world-report-2013/informe-mundial-haiti>> Acesso em 06/01/2013

HURRELL, Andrew. Hegemonia, liberalismo e ordem global: qual é o espaço para potências emergentes? In. HURRELL, Andrew et al. Os Brics e a ordem global. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

IBGE Países. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados do Haiti 2013. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/paisesat/main_frameset.php> Acesso em 22 de dezembro 2013

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sinopse do Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2011.

LEE, Everett. Uma teoria sobre a migração. In. MOURA, Hélio Augusto (Org). Migração interna. Textos selecionados. Fortaleza-CE: Banco do Nordeste do Brasil S.A. 1980.

MATIJASCIC, V. B. Haiti: uma história de instabilidade política. In: Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. Franca(SP): ANPUH/SP – UNESP, 2010. p. 1-15. Disponível em <<http://www.anpuhsp.org.br/>> Acesso em 22 de dezembro 2013.

MORAES, Isaias Albertin de et al. A imigração de haitianos para o Brasil: Causas e efeitos. In: Revista Conjuntura Austral | ISSN: 2178-8839 | v. 4, n. 20 | Out. Nov. Porto Alegre (RS): UFRGS, 2013.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. In: OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro (Org). Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

OLIC, Nelson Bacic. Geopolítica da América Latina. São Paulo: Moderna, 1992. (Coleção Polêmica).

OIT. ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. En busca de un compromiso equitativo para los trabajadores migrantes en la economía globalizada. In: Conferencia Internacional del Trabajo. 92ª Reunión. Ginebra, 2004.

PATARRA, Neide Lopes. Políticas e gestão das migrações internacionais: entre direitos humanos e soberania nacional. In: TURRA, Cássio Maldonado. CUNHA, José Marcos Pinto da (Orgs.). População e desenvolvimento em debate: contribuições da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: ABEP, 2012. p.85-92.

PIZARRO, Jorge Martinez. VILLA, Miguel. Panorama sobre a migração internacional na América Latina e no Caribe. In: BRASIL, Ministério da Previdência Social. Migrações internacionais e a Previdência Social. Brasília: MPAS, SPS, CGEP, 2006.

RAVENSTEIN, E. G. As Leis de Migrações. In: MOURA, Hélio Augusto (coord). Migração interna. Textos selecionados. Fortaleza-CE: Banco do Nordeste do Brasil S.A, 1980.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARAIVA, José Flávio Sombra. Haiti: Humanitarismo e Política Internacional. In Boletim Meridiano 47.Nº. 114, jan. 2010. Brasília (DF): UNB, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Errantes do fim do século. São Paulo: Unesp, 1999.

SILVA, Sidney Antônio da. Brazil, a new Eldorado for Immigrants?: The Case of Haitians and the Brazilian Immigration Policy. In: Urbanities, v. 3 · Nº 2. November, 2013.

SPRANDEL, Márcia. As pautas externas e as pautas internas das migrações internacionais. In. TURRA, Cássio Maldonado. CUNHA, José Marcos Pinto da (Orgs.). População e desenvolvimento em debate: contribuições da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: ABEP, 2012. p. 97-101

TOMÁZ, Diana Zacca. Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas. In: Revista Primeiros Estudos, n. 4, São Paulo: USP, 2013. p. 131-143.

Recebido para publicação em outubro de 2014
Aceito para publicação em novembro de 2014